



RELAÇÃO IDOSO-MORADIA: CONSIDERAÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

ELDERLY-HOUSING RELATIONSHIP: ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY CONSIDERATIONS

KUNST, Marina Holanda (1)

COSTA FILHO, Lourival Lopes (2)

ELALI, Gleice Azambuja (3)

(1) Universidade Federal de Pernambuco, Doutoranda do PPGDesign

e-mail: marinakunst7@hotmail.com

(2) Universidade Federal de Pernambuco, Doutor em Desenvolvimento Urbano

e-mail: lourival.costa@ufpe.br

(3) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, PhD

e-mail: azambuja.elali@ufrn.br

RESUMO

Em meio a tantas informações e com o objetivo de agregar fundamentação teórica ao entendimento da relação idoso-moradia, alguns ensinamentos da Psicologia Ambiental foram aqui levantados, e serão apresentados como conhecimento interdisciplinar para a Ergonomia do Ambiente Construído, sendo eles: vínculos afetivos com o lugar (apego ao lugar); docilidade ambiental; proatividade ambiental; e comportamento socioespacial humano. Como principais resultados obtidos, cabe destacar que os autores referenciados serviram para embasar e relacionar as temáticas escolhidas sobre o idoso, sendo possível construir uma base teórica relevante para uma pesquisa maior, em andamento para o desenvolvimento de tese de doutorado, a partir das informações absolvidas e discutidas.

Palavras-chave: Relação pessoa-ambiente; Moradia; Idoso.

ABSTRACT

In the midst of so much information and with the objective of adding theoretical foundations to the understanding of the elderly-housing relationship, some teachings of Environmental Psychology were raised here, and will be presented as interdisciplinary knowledge for the Ergonomics of the Built Environment, namely: affective bonds with the place (place attachment); environmental docility; environmental proactivity; and human socio-spatial behavior. As the main results obtained, it is worth noting that the referenced authors served to support and relate the chosen themes about the elderly, making it possible to build a relevant theoretical basis for larger research, in progress for the development of a doctoral thesis, from the acquitted information and discussed.

Keywords: Person-environment relationship; Housing; Elderly.



INTRODUÇÃO

Várias são as pesquisas e publicações de estudos de órgãos oficiais – internacionais e nacionais – sobre o crescente aumento da população idosa. Como reflexo dessa ampliação, agrava-se a questão da moradia para o idoso, devido ao fato de que o planejamento desses espaços continua desconsiderado suas necessidades específicas.

Dentro dessa perspectiva, este artigo está baseado em uma pesquisa maior, tese de doutorado, em andamento no PPGDesign/UFPE, que busca subsídios de diferentes campos do conhecimento, como, por exemplo, a Ergonomia do Ambiente Construído, para avaliar a qualidade residencial percebida por idosos. Assim, como fundamento basilar para contribuições teóricas e empíricas sobre a percepção dessa população frente aos espaços de sua moradia, decidiu-se abordar nesta comunicação científica ensinamentos da Psicologia Ambiental, área de investigação que se interessa pela relação do idoso com sua moradia (*P-E*).

A Psicologia Ambiental, de modo não exaustivo e aplicado, vem se dedicando a vários tópicos relacionados com a relação pessoa-ambiente, como: vínculo afetivo com o lugar (apego ao lugar); comportamento socioespacial humano; desenvolvimento humano; estresse e ambientes restauradores; apropriação do espaço; identidade de lugar. Entre esses, e para o estudo da relação idoso-moradia, destacam-se: vínculos afetivos com o lugar (apego ao lugar), docilidade ambiental, proatividade ambiental e comportamento socioespacial humano.

Ainda sobre esse assunto, Ittelson *et al.* (1974) acrescenta que a Psicologia Ambiental está interessada em: estímulos ambientais que afetam a percepção humana; como o ambiente pode influenciar nos padrões de comportamento humano; relacionamentos sociais que são facilitados pelo uso do espaço; entre outros.

Portanto, ficam visíveis as contribuições que a Psicologia Ambiental tem para a Ergonomia do Ambiente Construído, já que as duas são campos aplicados que visam melhorar a qualidade do habitat humano, e, mais especificamente, como base para a construção teórica da tese em andamento, que aborda a relação do idoso com sua moradia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como dito antes, para melhor compreensão do entrelaçamento entre ensinamentos da Psicologia Ambiental e a fundamentação teórica aqui pretendida – relacionada com a relação



idoso-moradia –, a seguir serão apresentados tópicos que interessam a essa abordagem, quais sejam: vínculos afetivos com o lugar (apego ao lugar); docilidade ambiental e proatividade ambiental; e comportamento socioespacial humano.

1.1 Apego ao lugar

Esta temática está alicerçada na ideia de perceber a relação do idoso com seu ambiente residencial, onde este é particularmente importante para o público destacado, por envolver aspectos como o sentimento de pertencimento, relações sociais e suporte familiar.

Sobre esse aspecto, Fried (1982) confirma essa importância para os idosos, destacando a relevância do ambiente residencial no comportamento e na experiência humana, envolvendo processos psicológicos, sociais e/ou culturais. No entanto, como aponta Pedroso (2020), muitas vezes os idosos necessitam mudar de seu lar¹, pois o lugar não atende as suas necessidades, o que faz com que haja dificuldade na apropriação do novo espaço.

Como se percebe, o apego é um sentimento primordial na relação idoso-moradia. O apego ao lugar (*place attachment*), cumpre destacar, é entendido como os laços afetivos da pessoa com os ambientes, e, normalmente, envolve esforços para permanecer em lugares familiares (FRIED, 2020), o que para os idosos se traduz no *aging in place* (PARK *et al.*, 2017).

Lawton (1990) aponta a familiaridade como uma das principais necessidades ambientais dos idosos. O ato de fixar-se em um lugar, para morar por anos, significa conhecê-lo bastante. Isto é sinônimo de segurança para o idoso, que se sente capaz de realizar tarefas e atividades domésticas com competência.

Low e Altman (1992) apontam que a palavra "apego" enfatiza o afeto; enquanto "lugar" enfoca os ambientes nos quais as pessoas estão emocional e culturalmente ligadas. Assim, nota-se que o envolvimento dos idosos com sua moradia pode ser entendido, concretamente, como "apego ao lugar", haja vista estarem afetivamente conectados à sua moradia.

Nesse contexto, Rowles (1983) ressalta que o apego ao lugar é um fenômeno multidimensional, que envolve componentes físicos, sociais e psicológicos, podendo funcionar de forma independente e variar em sua manifestação, em diferentes idades.

¹ Foi escolhido o termo "lar" (*home*) em detrimento do termo "casa" (*house*) pela diferença do termo trazida por Karjalainen (1993) e Coolen e Meesters (2012), sendo "casa" a estrutura física precisa de espaços correlacionados; já "lar" está imerso em sentimentos positivos e laços afetivos, bem como em sentimentos negativos (processos psicosociais); são as relações que se vivenciam com a estrutura física (*house*) e os significados que se atribui a ela.



O apego ao lugar, segundo explicam Low e Altman (1992), abrange uma variedade de outros conceitos, como, por exemplo: topofilia, de Tuan (1974); identidade do lugar, de Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983); interioridade, de Rowles (1980); gêneros e lugar, de Hufford; senso de lugar ou enraizamento, de Chawla; integração ambiental, sentimento e identidade da comunidade, de Hummon.

Quanto ao ambiente residencial, Werner, Altman e Oxdey (1985), assim como Speller (2005), advogam que este apresenta três aspectos principais: processos pessoais/psicológicos; propriedades ambientais; e qualidades temporais. Além do fato de o tempo estar intrínseca à relação idoso-moradia, por reflexo de processos confluentes entre pessoa, lugar, processos psicológicos, apropriação e identidade (ligações e laços com os lugares).

Diante dessa afirmação, verifica-se o porquê de os idosos terem tão profunda relação com seus lares. Eles estão, muitas vezes, nesses lugares a muitos anos; criaram seus filhos ou até netos; ambientaram seus cômodos com seus gostos e preferências, chegando a ser perceptível aos que lá não moram.

Rowles (1983) afirma que a vinculação do idoso com o lugar também implica dimensões históricas, ou seja, o tempo é primordial nessa relação. Envolve a memória dos idosos, pois são lugares carregados de “acontecimentos significativos” para eles. E, como apontado, a mudança do lugar é vista como ameaça ao idoso, pois há uma separação da história e das identidades pessoais dele com o lugar.

Esse aspecto temporal foi também encontrado no estudo de Kunst (2016), em que os idosos, moradores temporais de seu lar, demonstraram apego ou favoritismo com o lugar, tendo apontado a sala e o quarto como os lugares preferidos. Já os que moravam a menos tempo, indicaram a casa, de um modo geral, como o lugar preferido, sem ter criado vínculo forte com nenhum dos cômodos, de um modo específico.

Isto posto, Macedo *et al.* (2008) salientam que o apego ao lugar está fortemente associado ao lugar preferido, buscado pelo idoso quando procura relaxar, manter-se calmo, clarear as ideias. Vê-se, então, que o lugar favorito reflete as experiências prazerosas do idoso.

Como percebido, há uma ampla diversidade de temas envolvidos no conceito de apego ao lugar, podendo-se ainda acrescentar sua relação com a docilidade ambiental e a proatividade ambiental, ambos desenvolvidos por Lawton e Nahemow (1973), que serão introduzidos no tópico a seguir.



1.2 Docilidade ambiental e Proatividade ambiental

Acerca da relação idoso-lar, Lawton e Nahemow (1973) destacam que há uma certa pressão exercida pelo ambiente sobre o idoso, e que, dependendo das características individuais desses idosos (baixa ou alta competência comportamental), essa pressão pode potencializar ou reduzir as sobrecargas ambientais, refletindo nos níveis de adaptação idoso-lar. Se essa relação é menos dócil, tem-se a docilidade ambiental. Em contrapartida, se o indivíduo tem mais competências, vê-se a hipótese de proatividade ambiental.

Essa relação também é apontada por Wahl e Gerstorf (2020), embora de forma um pouco diferente. Eles dividem a fase “idosa” em duas etapas: terceira e quarta idade. Na primeira, há principalmente estruturas de prevalência proativa; enquanto na segunda, há a prevalência da docilidade ambiental.

Percebe-se que sempre haverá a docilidade ambiental e a proatividade ambiental, o que muda é a competência comportamental do idoso. Wahl (1999) ainda destaca a importância de verificar essa dualidade nas residências onde os idosos se encontram, já que podem fortalecer ou enfraquecer a competência do idoso na moradia.

Assim, a temática do “apego ao lugar” e esse desdobramento sobre a “docilidade” e a “proatividade” ambientais se mostraram relevantes para entender a relação do idoso com sua moradia, ou, como conhecida no campo da Psicologia Ambiental, *person-environment (P-E)*.

Em relação ao envelhecimento, cabe acrescentar que a maioria das pessoas apresenta características próprias da idade e, de pronto, a solução buscada para resolver o problema é fazer mudanças físicas na moradia, para tentar adaptá-la às necessidades do idoso. O mais adequado, entretanto, seria que o ambiente já fosse planejado para acolhê-lo, buscando certa consistência entre as características do ambiente, das pessoas e da interação do sistema, como apontam Lawton e Simon (1968).

Nessa perspectiva, a adaptação ou a mudança deve ocorrer de ambos os lados. Tanto a pessoa quanto o meio devem mudar ao longo do tempo de maneira a se “auto justarem” mutuamente. Assim, surge a teoria da docilidade ambiental e em contraponto a da proatividade ambiental, de Lawton e Nahemow (1973).

A ideia de compensar a perda pessoal por meio de mudança ambiental, em que o ambiente é um determinante potente para respostas comportamentais à medida que a



competência pessoal vai diminuindo, reflete a hipótese de docilidade ambiental. Os idosos ficam mais suscetíveis/vulneráveis às mudanças do meio.

Em contrapartida à postura “dócil” da pessoa em seu meio, o idoso pode escolher ou criar um ambiente para satisfazer suas necessidades e preferências, de modo que, à medida que aumenta a competência pessoal, eleva-se a variedade de recursos ambientais que podem ser usados na satisfação de suas necessidades. Essa é a hipótese da proatividade ambiental.

Batistoni (2014) afirma que os idosos proativos (proatividade ambiental) atuam frente às pressões ambientais e, ao tomar decisões, otimizam a congruência entre as necessidades e as competências, pois, quanto mais o indivíduo suporta pressão ambiental, mais é considerado competente. Contudo, quanto menor o nível de competência, mais os fatores do ambiente influenciam o comportamento, assinalam Lawton e Nahemow (1973).

Torres (2015) resume essas hipóteses de docilidade e proatividade ambiental, ao expor que, com o declínio físico do ser humano, o ambiente tende a influenciar negativa (dependência do ambiente) ou positivamente (promove a prática de atividades, mudanças dos ambientes) o comportamento das pessoas. E, quando o indivíduo percebe que há certa congruência em seu intercâmbio com o ambiente, este é considerado “amigável”.

Logo, há um incremento na relação idoso-moradia quando há similaridade entre as necessidades do idoso e do suporte oferecido por sua residência, ou seja, a moradia adequada para o idoso permite que ele atue com o grau de competência que tem (TORRES, 2015).

Destaca-se, então, que cada idoso tem suas competências, e que cada moradia deve se adaptar ao idoso que nela mora, já que, como aponta Lawton (1990), o grau de competência difere entre cada indivíduo e varia ao longo do tempo.

Portanto, projetar ambientes ou realizar mudanças nos espaços para idosos, requer compensar declínios decorrentes da idade (minimizar a docilidade), de modo a promover resultados comportamentais que minimizem efeitos negativos desses declínios, relacionados à idade (fomentar a proatividade), de forma a estimular, motivar e encorajar o idoso, que lá vive, a ser proativo.

Sobre esse assunto, Lawton (1990) conclui que, enquanto a hipótese da docilidade ambiental vem para melhorar o funcionamento dos menos competentes, a hipótese da proatividade ambiental fornece uma base para ampliar a experiência comportamental dos mais competentes. Ainda segundo o autor, ambas as hipóteses devem considerar as competências



biológica, sensória-motor e cognitiva dos idosos. Isto, de acordo com Lawton e Simon (1968), sempre pensando nas limitações físicas dos idosos, que reduzem a realização de várias tarefas e atividades, para que seu comportamento não se torne menos satisfatório de atingir objetivos, além de tentar fazer um trabalho colaborativo entre os profissionais e os idosos.

Assim, pensar no lar do idoso não é só considerá-lo dentro desse espaço, mas também as possíveis mudanças do local, para proporcionar que este se torne mais saudável e estimulante, bem como levar em conta suas limitações, de forma a moldar a moradia para si, no sentido de promover a proatividade.

1.3 Comportamento socioespacial

Kunst; Branda; Santos (2020) e Bianchi (2013) indicam que o espaço residencial não é pensado para receber o idoso. Nesse contexto, acaba por deixá-lo desconfortável em sua própria casa, justamente o lugar que deveria proporcionar momentos de prazer e bem-estar, além de compensar perdas decorrentes da idade.

Deve-se também pensar na moradia como espaço que sofre a influência das pessoas, tornando-se reflexo dos desejos, significados e do senso de pertencimento de seu morador. Este mesmo ambiente, todavia, influencia o comportamento delas. Percebe-se aí o permanente intercâmbio entre ambos (pessoa-ambiente).

Contudo, Elali (2009) expõe a dificuldade no estudo do comportamento socioespacial, devido ao fato deste, geralmente, ocorrer de forma mais automática ou inconsciente. Gestos, posturas, comunicações não verbais, orientação corporal (propriocepção) e distâncias interpessoais são representações do comportamento. Mesmo com essa dificuldade, sabe-se que o comportamento é um mediador na interação pessoa-ambiente.

Corroborando com essa ideia, Pinheiro e Elali (2011) acrescentam que a compreensão do comportamento socioespacial perpassa pelo entendimento de que só analisar como a pessoa localiza os objetos no espaço não é o bastante, sendo fundamental também entender como ela se orienta nele, a partir de seu próprio corpo (fatores visuais e proprioceptivos). Com isso, fica claro a complexidade que a percepção ambiental envolve.

Webb e Weber (2003) destacam o papel protetor do espaço no comportamento humano, que fornece um território com os recursos necessários para a sobrevivência e a proteção de intrusos, além de criar padrões de distanciamentos (extensão do corpo, que se move com o



indivíduo). Por essa razão, o entendimento do processo da visão, da audição e da mobilidade é de interesse especial no estudo do comportamento socioespacial humano.

Diante dessa demanda, o estudo do comportamento humano torna-se mais complexo quando se volta para os idosos, pois é sabido os efeitos decorrentes do avançar da idade.

Dessa forma, a razão da compreensão do comportamento socioespacial dos idosos se dá pelo fato deles experimentarem mudanças perceptivas (principalmente visual e auditiva), o que impacta negativamente sua habilidade de responder aos estímulos ambientais. E, sem esses estímulos, os idosos são incapazes de estabelecer limites espaciais, como apontam Webb e Weber (2003).

Para Torres (2015), um ambiente compatível com as necessidades dos idosos deve promover sua independência e autonomia (redução de possíveis perdas e ampliação de ganhos), fazendo com que eles sejam proativos nas possíveis mudanças dos ambientes onde moram, tornando sua vida diária mais prazerosa e adequada às suas aspirações.

Cabe também acrescentar que o lugar é o “centro de significados” da pessoa, baseado em suas experiências, relações sociais, emoções e pensamentos. Stedman (2002) afirma retratar um modelo psicossocial de interação humano-ambiente, que está ligado a uma coleção de significados simbólicos, apego e satisfação com um ambiente espacial mantido pela pessoa.

Dessa forma, Pinheiro e Elali (2011) ressalvam que o comportamento socioespacial pode ser entendido como inter-relações no espaço que refletem o ânimo afetivo, o *status* das pessoas envolvidas e a natureza da interação social pretendida / obtida.

Essas inter-relações, contudo, extrapolam o espaço residencial onde o idoso está inserido, mas também se relaciona com questões sociais ou de vizinhança, envolvendo escalas micro (habitação), meso (bairros, infraestrutura da cidade) e macro (área urbana/rural ou países), como mencionam Oswald *et al.* (2003).

Esse enfoque, como aponta Phillips (1979), relaciona-se com a percepção que uma pessoa tem de seus limites corporais e sua relação com o ambiente estão envolvidas em seu desenvolvimento e a percepção que uma pessoa tem de seu espaço pessoal. E mais, segundo Kuhnen (2009), esse ambiente tende a refletir processos culturais, apresentando os diferentes gostos das pessoas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem teórica apresentada corroborou com a importância de associar conhecimentos da Psicologia Ambiental à Ergonomia do Ambiente Construído, a partir do interesse das duas áreas em relação ao modo como as pessoas percebem e tomam decisões nos ambientes que ocupam. O estudo dessa relação favoreceu a compreensão da interação humano-ambiente, revelando bases para a estruturação de uma pesquisa maior que está em andamento para o desenvolvimento de tese de doutorado.

No contexto deste artigo, foi possível a compreensão das temáticas sobre vínculos afetivos com o lugar (apego ao lugar), docilidade ambiental, proatividade ambiental e comportamento socioespacial humano, que se mostrou de fundamental importância no aprimoramento do pensamento sobre a relação idoso-moradia.

Ademais, compreender que há um entrelaçamento entre as temáticas expostas significa poder construir um embasamento teórico mais rico e completo, pois, apenas como exemplo, estar apegado ao lugar, sendo este dócil ou proativo, perpassa o estudo do comportamento socioespacial humano.

Isso, entretanto, é uma construção biunívoca – envolve a pessoa e o seu ambiente –, o que implica a necessidade de uma visão ampla e complementar de temas interdisciplinares à Ergonomia do Ambiente Construído. Além do mais, quando se fala na pessoa idosa, ainda é possível acrescentar aspectos biológicos e fisiológicos, decorrentes do avançar da idade, que já são considerados nos estudos ecológicos da Psicologia Ambiental.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro em forma de bolsa.

REFERÊNCIAS

BATISTONI, S. S. T. Gerontologia ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p.647-657, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13088>.

BIANCHI, S. A. **Qualidade do Lugar nas Instituições de Longa Permanência para Idosos —** Contributos projetuais para essas edificações na cidade do Rio de Janeiro. 2013. 294f p.



Doutorado (Tese em Ciências em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2013.

COOLEN, H., MEESTERS, J. Editorial special issue: house, home and dwelling. **J Hous and the Built Environ**, v. 27, p. 1–10, 2012. <https://doi.org/10.1007/s10901-011-9247-4>.

ELALI, G. A. Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental. Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas: cultura, corpo e linguagem. Rio de Janeiro, RJ. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ProArq - UFRJ, v. 1. p. 1-17, 2009.

FRIED, M. Continuities and discontinuities of place. **Journal of Environmental Psychology**, v. 20, p. 193-205, 2020. DOI: 10.1006/jevp.1999.01.

FRIED, M. Residential Attachment: Sources of Residential and Community Satisfaction. **Journal of Social Issues**, v. 38, n. 3, p. 107-119, 1982.

ITTELSON, W. H. Homem Ambiental. In: ITTELSON, W. H.; PROSHANSKY, H. M., RIVLIN, L. G., WINKEL G. H. **An introduction to Environmental Psychology**. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston, cap. 1, p. 1-16, 1974.

KUHNEN, A. Interações humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. In: KUHNEN, A.; CRUZ, R. M.; TAKASE, E. **Interações pessoa-ambiente e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, cap. 1, p. 15-35, 2009.

KARJALAINEN, P. T. House, home and the place of dwelling. **Scandinavian Housing and Planning Research**, v. 10, n. 2, p. 65-74, 1993. DOI: 10.1080/02815739308730324.

KUNST, M. H. **Avaliação da acessibilidade do idoso em conjuntos habitacionais**: o caso do Cidade Madura. 2016. 193 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

KUNST, M. H.; BRANDAO, J. S.; SANTOS, V. M. V. Avaliação da acessibilidade do idoso em conjuntos habitacionais: O caso do Cidade Madura de João Pessoa-PB. In: COSTA, A. D. L.; SARMENTO, B. R. **Tecendo pontes: interfaces e Lugares de Acessibilidade**. 1ed. João Pessoa: UFPB, cap. 11, p. 163-179, 2020.

LAWTON, M. P. Residential Environment and Self-Directedness among Older People. **American Psychologist**, v. 45, p. 638-640, 1990.

LAWTON, M. P.; NAHEMOW, L. Ecology and the aging process. In: EISDORFER, C.; LAWTON, M. P. **The psychology of adult development and aging**. Washington, DC: American Psychological Association, cap. 20, p. 619-674, 1973.

LAWTON, M. P.; SIMON, B. The ecology of social relationships in housing for the elderly. **The Gerontologist**, v. 8, n. 2, p. 108–115, 1968. <https://doi.org/10.1093/geront/8.2.108>.

LOW, S. M.; ALTMAN, I. Place Attachment: a conceptual inquiry. In: LOW, S. M.; ALTMAN, I. **Place Attachment, Human Behavior and Environment** (Advances in Theory and Research). Springer: Boston, cap. 1, p. 1–12, 1992. DOI: 10.1007/978-1-4684-8753-4_1.



MACEDO, D.; OLIVEIRA, C. V.; GÜNTHER, I. de A.; ALVES, S. M.; NÓBREGA, T. S. O Lugar do Afeto, o Afeto pelo Lugar: O que dizem os idosos? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24 n. 4, p. 441-449, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400007>.

OSWALD, F; WAHL, H. W., MARTINS, M., MOLLENKOPF, H. Toward measuring proactivity in person-environment transactions in late adulthood: the housing-related control beliefs questionnaire. **Journal of Housing for the Elderly**, v. 17, p. 135-152, 2003. https://doi.org/10.1300/J081v17n01_10.

PARK, S.; HAN, Y.; KIM, B.; DUNKLE, R. E. Aging in Place of Vulnerable Older Adults: Person-Environment Fit Perspective. **Journal of Applied Gerontology**, v. 36, n. 11, p. 1327–1350. 2017. <https://doi.org/10.1177/0733464815617286>.

PEDROSO, E. S. R. Los intervalos de apego: ser y vivir en la vejez. **GIGAPP - Estudios Working Papers**, v. 7, n. 150, p. 199-214, 2020.

PHILLIPS, J. R. An exploration of perception of body boundary, personal space, and body size in elderly persons. **Perceptual and Motor Skills**, v. 48, p. 299-308. 1979. DOI:10.2466/pms.1979.48.1.299.

PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. Comportamento socioespacial humano. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petropolis: Vozes.cap. 11, p. 144-158, 2011.

ROWLES, G. D. Place and personal identity in old age: observations from Appalachia. **Journal of Environmental Psychology**, v. 3, p. 299-313, 1983.

SPELLER, G. M. A importância da vinculação ao lugar. In: LUIS, S. **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Editora Calouste Gulbenkian, cap. 5, p. 132-167, 2005.

STEDMAN, R. S. Toward a social psychology of place. Predicting behaviour from place-based cognitions, attitude and identity. **Environment and Behavior**, v. 34, n. 5, p. 561–81, 2002. <https://doi.org/10.1177/0013916502034005001>.

TORRES, A. de L. **O papel do ambiente residencial na qualidade de vida de idosos: Um estudo exploratório em Cabedelo, Paraíba**. 2015. 187 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

WAHL, H. W. A competência no cotidiano: um constructo buscando uma identidade. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 2, p. 103-120, 1999.

WAHL, H. W.; GERSTORF, D. Person-Environment Resources for Aging Well: Environmental Docility and Life Space as Conceptual Pillars for Future Contextual Gerontology. **The Gerontologist**, v. 60, n. 3, p. 368–375, 2020. <https://doi.org/10.1093/geront/gnaa006>.

WEBB, J. D.; WEBER, M. J. Influence of Sensory Abilities on the Interpersonal Distance of the Elderly. **Environment and Behavior**, v. 35, n. 5, p. 695–711. 2003. <https://doi.org/10.1177/0013916503251473>.



WERNER, C. M.; ALTMAN, I.; OXLEY, D. Temporal Aspects of Homes. In: ALTMAN I., WERNER, C. M. **Home Environments**. Human Behavior and Environment (Advances in Theory and Research). Springer, Boston, cap. 1, p. 1-32, 1985. https://doi.org/10.1007/978-1-4899-2266-3_1.